

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Carolina Dal Magro Colombo

CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO VIVEIROS COMUNITÁRIOS NA FORMAÇÃO INICIAL
DE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Porto Alegre
Dezembro/2012

CAROLINA DAL MAGRO COLOMBO

CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO VIVEIROS COMUNITÁRIOS NA FORMAÇÃO INICIAL
DE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Paulo Brack

Co-orientadora: Prof.^a Heloisa Junqueira

Porto Alegre
Dezembro/2012

AGRADECIMENTOS

Gratidão

a todos os viveiristas que fizeram parte do Grupo Viveiros Comunitários e contribuíram na construção dessa história;

aos amigos e aos colegas que participaram junto comigo no envolvimento com o viveiro e oportunizaram grandes aprendizagens;

especialmente ao Professor Paulo Brack e à Professora Heloísa Junqueira pela orientação e amizade;

à Professora Russel Teresinha Dutra por aceitar o convite para fazer parte da Banca Examinadora deste trabalho;

ao Professor Sergio Leite por participar da banca examinadora e orientar com dedicação e carinho a projetos do Grupo;

à grande família que acolhe e apoia.

ORIENTADORES

Prof. Dr. Bruno Edgar Irgang

Prof. Dr. João André Jarenkow

Prof. Dr. Paulo Brack

Prof. MSc. Sérgio Leite

PARTICIPANTES

Alana Casagrande

Ana Luiza Leichter Matte

Anderson Santos de Mello

Carlos Medeiros Bofill

Carolina Dal Magro Colombo

Claudine de Abreu Corrêa

Fernanda Silveira da Rosa

Frediny Bettin Colla

Gabriel Collares Poester

Guilherme Fuhr

Guilherme Seguer
Joana Bassi
João Cláudio Godoy
Julia Saldanha Vieira Aguiar
Juliana Brochier Marasini
Karin Luisa Lutkemeier
Laís Fernandes de Moraes
Leandro Bennato
Lucas Milanesi
Lucas Stephanou Nascimento
Luciano Maciel Coberllini
Luisa Xavier Lokschin
Luna Piesce
Marcus V. A. Liesenfeld
Marcus Vinicius de Souza Mouzer
Mariana Francisca A. Muniz
Martin Grings
Matias Köhler
Max Silva de Oliveira
Melina Muccillo Gonçalves
Moisés da Luz
Rafaela Delacroix
Rafael Paniz
Renata Frohlich
Rochele Scopel
Robberson Bernal Setubal
Rodrigo Rassia Cossio
Rodrigo Endres Ardissonne
Sofia Zuttin Gasparotto
Shaula Maíra Sampaio

COLABORADORES

Rodrigo Cambará Printes
Fabiana da Silva

Rodrigo Gastal de Magalhães

Maurício Vieira de Souza

Leandro Valiente Ulmann

Hosana Maria Fonseca Piccardi

Luciano M. Guterres

Seu Dema – Agricultor do Lami e liderança Comunitária do Morro da Extrema

Seu Juca – produtor agroecológico do Lami

Dodô- produtor agroecológico do Lami

Ronaldão- Microempresário do Lami

Aldaci Bellé

Nélio Roberto Bellé

Silvana Boher – Sítio Capororoca - Lami

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS:

GRUPOS:

GVC: Grupo Viveiros Comunitários

NEMU: Núcleo de Extensão Macacos Urbanos

RBL: Reserva Biológica do Lami

CBA: Congresso Brasileiro de Agroecologia

SBEE: Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia

DESMA: Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica

ATUAÇÕES:

EA: Educação Ambiental

RAD: Recuperação de Áreas Degradadas

Etno: Etnobiologia

Nutr: Nutrição

Viv: Viveirismo

AF: Agricultura Familiar

AGF: Agrofloresta

CP: Cadeia Produtiva

Biod: Biodiversidade Nativa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
2.1 OBJETIVO GERAL.....	14
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3 METODOLOGIA	15
4 DADOS E RESULTADOS	15
4.1 VIVEIRO BRUNO IRGANG: O LABORATÓRIO VIVO	15
4.2 PROJETOS DE EXTENSÃO: Tabela 1.....	19
4.3 PUBLICAÇÕES: Tabela 2	21
4.4 LOCAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS	24
5 ANÁLISE	28
5.1 REFLEXÃO SOBRE A PROPOSTA EDUCATIVA	28
5.2 O VIVEIRO COMO UM ESPAÇO LÚDICO E DE APRENDIZAGEM	31
5.3 REFLEXÃO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL	33
6 CONCLUSÃO	36
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	36
8 ANEXOS	39

RESUMO

Este trabalho objetivou investigar e analisar as ações do grupo Viveiros Comunitários (GVC), um coletivo formado por professores e estudantes do Curso de Ciências Biológicas, marcadas pelas concepções do viveirismo ecológico e da educação ambiental. Este grupo atua há 15 anos e busca desenvolver e aprimorar a produção de mudas de espécies nativas como uma estratégia de conservação dos ambientes naturais, além da sustentabilidade no manejo da biodiversidade. Essas práticas amparam e definem diferentes intervenções educativas junto à comunidade. Desde 2005, o GVC iniciou a construção de um viveiro na Universidade, o Viveiro Bruno Irgang (VBI), espaço científico e pedagógico para a realização de estudos sobre recuperação de áreas degradadas, de práticas de viveirismo, de atividades de educação ambiental, de experimentos, de vivências e socialização de conhecimentos. A partir das práticas do grupo, buscou-se analisar as contribuições na formação profissional dos estudantes de Biologia que se dedicam a este coletivo. Sendo essa uma forma de valorizar e divulgar o trabalho e as experiências do grupo e também estimular outros coletivos com práticas afins.

Palavras-chave: Viveirismo ecológico; educação ambiental; movimento coletivo.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa sobre as ações do *Grupo Viveiros Comunitários* (GVC), um coletivo de professores e estudantes do curso de Ciências Biológicas e outros participantes, que atua sob as concepções de viveirismo ecológico e de educação ambiental. Desde 1997, o grupo vem atuando com a produção de mudas nativas do Rio Grande do Sul, como espécies ameaçadas, raras, ou de usos múltiplos como ornamentais, madeiráveis e alimentícias, entre outros. Desenvolvem-se também trabalhos de pesquisa relacionados a estas práticas e projetos de educação ambiental buscando uma formação humana mais consciente e atuante nos processos que englobam a nossa sociedade.

A prática do viveirismo envolve a coleta e o beneficiamento de sementes da flora com o intuito de produção de mudas. No caso do GVC, a prática do viveirismo vem arraigada de uma proposta que é a produção de mudas como uma estratégia de conservação dos ambientes naturais e de sustentabilidade no manejo da biodiversidade, o que chamamos de **viveirismo ecológico**. Com este olhar, busca-se valorizar a natureza e os saberes tradicionais, bem como socializar saberes científicos, fortalecendo assim as comunidades locais e a sociedade em geral frente aos desafios gerados pelo modelo atual de gestão social. Essa intenção na prática do viveirismo vem ao encontro do que se entende por educação ambiental segundo UNESCO, 1976.

La educación ambiental es la acción educativa permanente por la cual la comunidad educativa tiende a la toma de conciencia de su realidad global, del tipo de relaciones que los hombres establecen entre sí y con la naturaleza, de los problemas derivados de dichas relaciones y sus causas profundas. Ella desarrolla, mediante una práctica que vincula al educando con la comunidad, valores y actitudes que promoven un comportamiento dirigido hacia la transformación superadora de esa realidad, tanto en sus aspectos naturales como sociales, desarrollando en el educando las habilidades y aptitudes necesarias para dicha transformación (UNESCO, 1976, p. 10 apud LOUREIRO et al 2003 p.13).

Portanto, a busca por uma formação mais consciente dos problemas socioambientais e das formas de empoderamento da sociedade para resolver esses conflitos vem sendo construída a partir da valoração da natureza, da biodiversidade nativa, dos conhecimentos tradicionais e das tecnologias a que temos acesso.

A prática do viveirismo proposta pelo grupo também tem um diferencial, que é o seu caráter comunitário. As plantas produzidas pelo GVC não tem o intuito de serem comercializadas gerando lucro, não se trata de uma produção comercial, mas sim de uma

produção como intuito de pesquisa e orientação para a sociedade. Esse viveiro é um espaço de todos aqueles que queiram se envolver com a produção e promoção da biodiversidade regional.

O GVC, por se constituir um coletivo predominantemente de estudantes, também se propõe a fomentar o movimento estudantil e comunitário socializando os conhecimentos gerados a partir dos trabalhos desenvolvidos. A parceria com outros grupos afins também é uma forma de agregar e fortalecer conhecimentos, além de gerar maior repercussão às práticas com que o grupo se envolve.

O trabalho do grupo iniciou-se em 1997, com um pequeno viveiro no segundo andar de um prédio da universidade, junto ao antigo Diretório Acadêmico. Neste viveiro foram geradas as mudas para a primeira Ocupação Verde ocorrida durante o XVIII Encontro Nacional dos Estudantes de Biologia – *Biologia Social para além da ecodemagogia*, sediado na UFRGS. A partir dessa ação, houve o despertar do coletivo para seguir realizando ações de pesquisa prática visando à conservação dos ambientes naturais, produção de espécies nativas, recuperação de áreas alteradas ou degradadas como base para uma intervenção educativa junto a comunidades e também a busca de outros conhecimentos, como por exemplo, manejo de recursos vegetais que possam contribuir para uma melhor relação de uso da terra.

As Ocupações Verdes (OV) são plantios comunitários que objetivam reafirmar valores coletivos, bem como socializar formas de recomposição da vegetação em áreas degradadas e consideradas prioritárias para a conservação, como nascentes e áreas de risco. Estas práticas também visam uma forma de luta de resistência para a defesa de áreas naturais frente à expansão imobiliária, à instalação e exploração indevidas por indústrias e, também, de criar situações que chamem a atenção das comunidades para a necessidade de criar novas áreas de conservação.

A partir de 1999, projetos de viveirismo e educação ambiental foram desenvolvidos em parceria com escolas públicas e com a Reserva Biológica do Lami (RBL), na região Extremo Sul de Porto Alegre. Com a RBL foram realizadas várias ações de OVs, objetivando estudos de recuperação ambiental em parceria com movimentos comunitários. Também foi realizada a construção de um viveiro de mudas nativas na Reserva, o que possibilitou um amplo estudo sobre a flora nativa da região além de enriquecer a formação dos estudantes inseridos no espaço de uma Unidade de Conservação (UC).

Em 2005, o grupo se propôs a criar um viveiro rústico atrás do Diretório Acadêmico do Instituto de Biociências (DAIB), o Viveiro Bruno Irgang. Este viveiro vem sendo apropriado, no sentido da aquisição de aprendizados próprios, como um espaço de estudos,

práticas científicas e ações educativas. Também, representa um local de estímulo à autonomia dos estudantes e de integração com a comunidade do Campus do Vale e do seu entorno, como a Vila Santa Isabel.

O Viveiro Bruno Irgang (VBI) localiza-se no Campus do Vale, UFRGS, nas mediações do Morro Santana. O Morro resguarda um dos maiores remanescentes de ecossistemas naturais da região, recoberto por campos e matas nativas, abrigando nascentes de importantes microbacias da capital e espécies ameaçadas de extinção. Representa enorme importância cultural e ambiental para a população que acessa seus recursos naturais como plantas medicinais, frutos, lianas, entre outros. Atualmente está em processo de criação uma Unidade de Conservação na categoria de Refugio de Vida Silvestre (Revis Morro Santana) (CASAGRANDE et al, 2009 p. 3736).

O meu envolvimento com o Grupo Viveiros Comunitários iniciou em 2006, quando ingressei no curso de Graduação em Ciências Biológicas, da UFRGS. A partir de então, acompanhei as ações desenvolvidas até, de fato, atuar como promotora de ações no coletivo. Considerando o trabalho desenvolvido pelo grupo até então, é especialmente sobre o período de 2006 a 2012 em que vivenciei as práticas do GVC no Viveiro Bruno Irgang, que trago possíveis contribuições na formação dos estudantes de Biologia.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Objetivou-se nesse estudo trazer ao conhecimento o histórico de ações do grupo Viveiros Comunitários e sua forma de atuar enquanto um viveiro educador e local de pesquisa e valorização da cultura e biodiversidade nativa. Pretendeu-se também refletir sobre a importância do espaço Viveiro Bruno Irgang, como viabilizador de práticas enriquecedoras na formação dos estudantes de Biologia.

2.2 Objetivos Específicos

- Resgatar, conhecer e textualizar os dados históricos sobre as ações do GVC;
- Organizar e sistematizar as ações do GVC realizadas de 2006 a 2012, em um Arquivo

Histórico;

- Relacionar e refletir sobre o trabalho extensionista, educativo e de pesquisa do GVC, durante os últimos sete anos, bem como sobre seus modos de organização e atuação que tem contribuído na formação de estudantes de Biologia.

3 METODOLOGIA

Desde 1997, o Grupo Viveiros Comunitários vem atuando como um coletivo de estudantes com apoio dos professores do Instituto de Biociências. Entre os objetivos do grupo estão: produção e capacitação no conhecimento da biodiversidade nativa, através de projetos de Extensão universitária, de iniciativas autônomas e da parceria com outros coletivos afins. Com essa atuação, o grupo fomenta o envolvimento estudantil e a sociedade em geral em projetos de educação ambiental que promovem a valorização da biodiversidade nativa, mediados pela socialização e produção e conhecimentos.

Esta pesquisa foi baseada em referenciais históricos do GVC, publicações, vídeos, fotos, relatos e no envolvimento com o trabalho com as plantas no viveiro e fora dele. Buscou-se compreender como se desenvolveram as ideias e ações do grupo em seus processos educativos e de pesquisa científica. Neste sentido, também foi necessário realizar uma compilação dos documentos gerados nos processos de trabalho, bem como sua organização de modo a comporem o já iniciado arquivo histórico, que reuniu por cronologia um conjunto de informações em três volumes de livros com diferentes ações.

Para gerar esse novo arquivo, o Histórico 4, foi necessária uma pesquisa em meio virtual e em materiais impressos, segundo critérios de organização temporal dos dados. Com base nesses documentos relativos às ações e aos relatórios, formou-se uma lista dos participantes do GVC devido à necessidade de coletar informações precisas sobre as diversas contribuições do grupo, componentes da *memória* de trabalho e experiências deste coletivo. Na medida do possível, utilizou-se a rede viveiroscomunitarios@yahoogrupos.com.br na busca e coleta de dados sobre as contribuições de alguns de seus membros ou ex-membros.

Para compor a reflexão sobre o trabalho do Grupo Viveiros Comunitários julgou-se importante a convivência e a participação nas atividades como mutirões, reuniões, cursos, oficinas, além de outras ações emergentes. A análise também se compõe de pesquisa bibliográfica a autores diversos que pensam e escrevem sobre educação, formação humana,

capacitação, pedagogia e o que poderia ser chamado de “viveirismo”.

4 DADOS E RESULTADOS

4.1 VIVEIRO BRUNO IRGANG: O LABORATÓRIO VIVO

O Viveiro Bruno Irgang começou a ser construído a partir da criação do projeto Laboratório Vivo, em 2004. Essa mobilização iniciou uma nova fase para o coletivo, com ações mais concentradas nos espaços da universidade como a área atrás do Diretório Acadêmico do Instituto de Biociências - local onde é viveiro e outras áreas do entorno como o Morro Santana. Também fortaleceram-se outros espaços como o Centro de Vivências (CV) e a comunidade do entorno da Universidade, a Vila Santa Isabel.

O viveiro foi batizado de Bruno Irgang em homenagem a um dos professores orientadores do grupo e grande incentivador das espécies nativas. O viveiro e as áreas adjacentes constituem o Laboratório Vivo, mantido através da proposta do “Viveirismo Ecológico”. Conceito que contempla a propagação de espécies da biodiversidade regional, a reutilização de materiais, agroecologia, aproveitamento de recursos locais e o incentivo a autonomia comunitária na recuperação ambiental e na diversificação de unidades produtivas familiares (CASAGRANDE et al. 2009, p.3737).

Com a construção do Viveiro Bruno Irgang, iniciou-se uma nova fase do coletivo GVC em que os projetos de educação e pesquisa não mais se centraram na região extremo-sul de Porto Alegre e na parceria com a Reserva Biológica do Lami, mas sim no estreitamento da relação com o Diretório Acadêmico, a universidade e comunidade do entorno. O VBI cresceu como um espaço do GVC e do DAIB e as ações realizadas fortaleceram tanto um quanto o outro, o que já evidenciava a força organizativa de humanos em coletivos.

Para a construção do Viveiro foram utilizados materiais como: madeiras providas de sobras das obras do Campus do Vale; caixas de frutas como sementeiras; restos de lonas para forrar as caixas e garrafas *pet*; *tetrapack* e sacos de leite para realizar o repique de mudas. O adubo é produzido em composteiras e se utiliza resíduos oriundos principalmente do DAIB nessa compostagem. Também utilizamos folhas, podas de árvores e restos de corte da grama para complementar o processo de compostagem, evitando assim os cheiros desagradáveis.

A manutenção do espaço do viveiro, o cuidado com os plantios em sementeiras ou canteiros experimentais, repiques, regas são atividades que exigem atenção, boa comunicação e responsabilidade do coletivo. Portanto, desenvolveu-se o uso de um caderno de atas de

reuniões e registros, bem como uma ficha de identificação de coleta e plantio de frutos e sementes (Anexo nº 1).

No Laboratório Vivo testamos diversas metodologias em práticas como de quebra de dormência e germinação de sementes, plantios visando o estudo da recomposição da vegetação nativa ou usos potenciais específicos das plantas como, por exemplo, uso econômico em agrofloresta ou uso medicinal. Nesses experimentos são testadas informações de conhecimentos científicos e tradicionais.

A própria área do VBI é um espaço para estudo de recuperação de áreas degradadas e, há cerca de sete anos, trabalha-se o local que praticamente não possuía solo, pois era um aterro recoberto por caliças e o substrato era totalmente compactado. O trabalho de recuperação do solo otimizado pelas composteiras já se mostrou efetivo e várias espécies da biodiversidade nativa nele plantadas demonstram o processo de regeneração da área (Anexo nº2).

O viveiro passou, inclusive, a ser um refúgio para o retorno de parte da vida silvestre, que se aventura do mato do Morro Santana à universidade. Hoje, já é possível observar variados insetos, como borboletas e abelhas meliponídeas, ou diferentes espécies de aves, como sanhaços, beija-flores e sabiás, ou outros tantos animais atraídos pelo microclima criado pela presença de espécies nativas e seus frutos, que vêm fazer do viveiro o seu poleiro.

Uma das principais propostas do viveiro é promover a diversidade de espécies nativas, incluindo espécies ameaçadas, raras, com valor alimentício, ornamental e madeirável. Vem sendo testados e aprimorados diferentes métodos de tratamento de sementes, substratos, cobertura de sementeiras e marcação de matrizes (CASAGRANDE et al, 2009). Também, as plantas produzidas no viveiro são destinadas a estudos sobre a diversidade da flora nativa, conservação dos ambientes naturais, recuperação de áreas degradadas, educação ambiental e sistemas agroflorestais.

O entendimento da importância de se produzir e valorizar a biodiversidade nativa fez com que o grupo buscasse uma ampla discussão sobre a produção de mudas nos viveiros do Estado do Rio Grande do Sul, viabilizando assim trocas de experiência entre aqueles que trabalham nesse setor, com o intuito de avaliar a situação atual, suas perspectivas e suas metodologias. Realizou-se então o I Encontro de Viveiros de Plantas Nativas do Rio Grande do Sul, em novembro de 2004, no auditório do Departamento de Botânica da UFRGS sob a coordenação de Karin Lutkmeier (GVC), Laís Moraes (INGA), Marcus Liesenfeld (projeto LARA e INGA) e pelo Prof. Paulo Brack (Dep. Botânica/UFRGS e GVC). Neste evento, participaram os representantes da comunidade acadêmica (estudantes e professores), os

representantes de entidades do governo ligadas ao setor e, também, os representantes da sociedade em geral.

Neste encontro, foram relatadas dificuldades técnicas e legislativas relativas às ações desenvolvidas, além da falta de incentivo ao setor por parte do governo e da ausência de diretrizes ambientais claras e precisas, incluindo as que definem mecanismos de controle ao plantio de exóticas. Também, realizou-se um diagnóstico de produção dos viveiros do estado e, segundo Poester et al (2009), observou-se que a maior parte dos viveiros tem uma baixa riqueza de espécies na sua produção, em torno de 50 espécies nativas. Uma realidade da maioria dos viveiros é a produção de uma baixa variedade de espécies nativas e uma ênfase às espécies exóticas. Isso se dá pela não valorização agregada à flora nativa tanto no seu caráter ornamental quanto madeirável. Essa realidade coloca em pauta a discussão e a importância do trabalho desenvolvido pelo grupo enquanto pesquisador e educador da flora nativa.

O enfoque de pesquisa e produção de plantas nativas também nos levou ao encontro de agricultores e produtores envolvidos com a causa ambiental, como a Família Bellé, que atua na Feira Ecológica do Bom Fim em Porto Alegre e se envolve principalmente com o manejo agroflorestal e comercialização das frutas nativas. A partir desse envolvimento houve também o interesse em conhecer e atuar dentro do ramo de legislação, que regulamenta a produção e o comércio de produtos caseiros, bem como estudar tipos de manejos agroflorestais com espécies nativas. O GVC e outros coletivos parceiros como o UVAIA promoveram eventos e oficinas sobre legislação, potencial das frutíferas nativas para bioprospecção, objetivando aportes fitotécnicos, nutracêuticos e ecológicos.

Alguns professores trouxeram grandes contribuições para grupo, como o professor Valdely Kinupp que pesquisou e apresentou o que chamamos de plantas alimentícias não convencionais (PANCs), em 2007, quando da defesa de sua Tese de Doutorado. Desde então, o grupo vem buscando conhecer melhor essas plantas, seus usos, potenciais nutracêuticos e sua dinâmica ecológica. Como exemplos, destaca-se na produção realizada no Viveiro de algumas espécies: bertalha (*Anredera cordifolia*), Ora-pro-nobis (*Pereskia aculeata* e *Pereskia grandiflora*), lírio-do-brejo (*Hedychium coronarium*), serralha (*Sonchus oleraceus*), dente-de-leão (*Taraxacum officinale*), capuchinha (*Tropaeolum majus*), entre outras.

Buscamos utilizar essas plantas no nosso cotidiano, em atividades do DAIB e em oficinas que intitulamos *Biodiversidade pela Boca*. Muitas dessas espécies não são nativas, porém são plantas geralmente ruderais ou espontâneas e que envolvem histórico tradicional de uso que está se perdendo devido a atual forma de vida e obtenção de alimentos na nossa sociedade. Como resultado de trabalho do grupo houve a produção e publicação da Cartilha

de Plantas Alimentícias Não-Convencionais (2009), elaborada pelo GVC em parceria com o INGÁ, em que se apresentam as plantas através de ilustração botânica, seus usos e algumas receitas.

A proposta de estudo com a alimentação e soberania alimentar que germinou dentro do coletivo também nos aproximou do Sítio Capororoca, no Lami, e de outros agricultores que comercializam plantas diversas como recurso alimentar. Segundo Pesce e Brack (2011) muitas plantas alimentícias são consumidas e manejadas e tem seu valor nutricional reconhecido, sendo esta a principal motivação para o comércio dessas plantas em feiras. Contudo, o que ainda dificulta a comercialização é a falta de conhecimento do público ou o hábito do consumo sendo de grande importância a educação alimentar através de cursos e oficinas que possam contribuir também para a conservação e uso dos recursos biológicos, questões que são desafios a serem enfrentados pelo GVC.

O trabalho com as frutas nativas vem prosperando, principalmente, no que se refere ao *Butia* (*Butia capitata*) e a Palmeira Juçara (*Euterpe edulis*), espécies ameaçadas. O manejo com a polpa do Butiá ainda está em uma fase mais inicial, mas o estudo e manejo com a Juçara vêm sendo promovido pela Rede Juçara com o foco no desenvolvimento de cadeias produtivas da polpa dos frutos e das sementes, aliada a conservação da espécie. No viveiro produzimos mudas dessas plantas e promovemos oficinas de despolpa de frutos e plantio orientado como uma forma de educação.

Dentre as realizações desenvolvidas pelo GVC ao longo dos 15 anos de atuação pode-se salientar um histórico de Ações de Extensão através de projetos de Educação Ambiental e de Pesquisa Científica e um histórico de publicações conforme segue nas tabelas abaixo.

4.2 Tabela 1. Projetos de Extensão

Projetos de Extensão	Ano	Área de Atuação
Projeto de Extensão Viveiros Comunitários	1999	Viveirismo/RAD
Projeto de Oficinas de Educação Ambiental	2000	EA – professores
Diagnóstico Participativo das Sub-bacias da Região Extremo-Sul de Porto Alegre.	2001	EA- Estudos da Região
Projeto Educação Ambiental no Quintal da Escola	2001	EA - alunos e comunidade
Projeto Conservação Ambiental como Processo Educativo	2002	EA - alunos e comunidade RAD/ Viveirismo
Projeto LARA “Laboratório de Restauração Ambiental Lami”	2003	Estudo Flora Região e RAD

Projeto Curso “Nossos Olhares: Educação Ambiental na Biorregião do Lami”	2003	EA – professores
Projeto Laboratório de Restauração Ambiental – LARA II	2003	EA/Estudo Flora/Viveirismo
Projeto Coleta de Frutos e Marcação de Árvores Matrizes no Parque Estadual de Itapuã	2004	Estudo Flora/Viveirismo
Ações de Educação Ambiental: Escolas públicas de EF e Reserva Biológica do Lami	2004	EA - alunos e comunidade
Projeto de Extensão “Rede de Viveiros e Educação Ambiental”	2004	Diagnóstico do Viveirismo na Região
Projeto Ações de Educação Ambiental em Escolas do Ensino Fundamental: A Reserva Biológica do Lami	2004	EA - alunos e professores
Projeto Laboratório Vivo	2004	Viveirismo/EA comunidade/Bioconstrução
Projeto Laboratório Vivo: partindo das plantas nativas e da percepção ambiental poderemos despertar atitudes?	2006	EA/Estudo Flora/Viveirismo
Circuito de Vídeos Ambientais – Faculdade de Educação/PROEXT	2006	EA
O Morro Santana, a UFRGS e a Vila Santa Isabel: Estreitando laços por meio da Educação Ambiental na Comunidade.	2008	EA comunidade e escola/
Estudo e Práticas de Viveirismo em um Centro de Formação de Agricultores	2009	EA/Estudo Flora/Viveirismo/Etnobiologia
Biodiversidade Aplicada à Agricultura Familiar-MPA, em Santa Cruz do Sul.	2010	EA/Estudo Flora/Viveirismo/Etnobiologia
O Viveirismo e as Práticas de Conservação e Educação Ambiental	2011	EA/Viveirismo
Viveirismo- Práticas de Conservação e de Educação Ambiental no Campo e na Cidade	2012	EA/Viveirismo

*Categorias de Área de atuação: EA - Educação Ambiental; RAD - Recuperação de Áreas Degradadas

Com os dados da Tabela 1, pode-se inferir que a maioria dos Projetos de Extensão realizados tiveram o viveirismo e a Educação Ambiental como elementos a serem desenvolvidos em conjunto. E, no caso das atividades de EA, foram desenvolvidas com alunos e professores de escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, agricultores e a comunidade em geral. Também, as atividades de viveirismo combinam-se com os estudos de Recuperação de Áreas Degradadas em Ocupações Verdes, na Reserva Biológica do Lami e

em outras áreas do entorno, no Campus do Vale e em outras localidades. Segundo referencias do Arquivo Histórico do Grupo foram realizadas mais de 40 OV's por iniciativas do GVC.

A expressão Ocupação Verde e sua prática foram divulgadas em encontros nacionais e regionais de estudantes de Biologia (ENEB e EREB). Nesses encontros, costuma ocorrer uma OV em local planejado pela organização e em parceria com outros grupos atuantes. Através dessa ação as ocupações vêm se consagrando como ações positivas entre os estudantes e a comunidade que recebe a ação.

4.3 Tabela 2. Publicações do Grupo Viveiros Comunitários

Publicação	Autores ou Grupos Envolvidos	Área de Atuação	Local de Publicação	Ano
Jornal "O Capinho"	GVC, NEMU,RBL, Farmacinha Caseira	EA	Circulação Pública	2000
Projeto Educação Ambiental no Quintal da Escola: Os Saberes de uma Comunidade e a Construção de um Espaço Sustentável.	CORBELLINI, L.M. ; SHAULA,Sampaio, S. M. V. ; MATTE, Ana Luiza Leichter ; M. F. A. ; MELLO, Anderson Santos de ; Silva, F.	EA	Anais SBEE	2002
Projeto Curso "Nossos Olhares: Educação Ambiental na Biorregião do Lami"	GVC, RBL	EA	I SEESUL – I Simpósio Brasileiro de Etnnobiologia e Etnoecologia da Região Sul: Aspectos Humanos da Biodiversidade	2003
Ocupando a Paisagem de Verde: testando métodos de restauração de uma área degradada	Liesenfield, M.V.A. ; Corbellini, L.M. ; MELLO, Anderson Santos de ; M. F. A. ; SETUBAL, Robberson Bernal ; Ardisson, R.E.	RAD	Anais SBEE	2003
Sobrevivência de <i>Sesbania virgata</i> (Cav.) Pres. (Leguminosae) dois anos após a semeadura em	GVC; MELLO, Anderson Santos de , M. F. A. ; Corbellini, L.M. ; SETUBAL, Robberson Bernal ;	RAD	Anais SBEE	2003

uma área degradada, Município de Porto Alegre/RS	Ardissone, R.E ; Liesenfield, M.V.A.			
A Percepção Ambiental de uma comunidade escolar como instrumento para conservação da biodiversidade	GVC; TALBOT, V., CASAGRANDE, A., FUHR, Guilherme, COLLA F. B, Rosa, F., OLIVEIRA, M.S., BRACK, P.	EA	IV Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, I Fórum Estadual sobre Conservação e Uso Sustentável da Água e XVI Semana Alto Uruguai do Meio Ambiente.(Erechim)	2007
Relatório da Prática de Ensino em Ciências: Curso sobre Biodiversidade e Cultura – Enfoque na vegetação – E.M.E.F. Juddith Macedo de Araújo	GVC, Grupo Amigos do Verde – E.M.E.F. Juddith Macedo de Araújo – Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano (LIAU); CASAGRANDE, A.	EA		2007
Relatório de Prática de Ensino em Ciências Curso de Agentes Ambientais: Viveiristas e Semeadores.	GVC; GRINGS, M.	EA	http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes	2008
Cartilha sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais - PANC's.	GVC, INGA ARDISSONE, R.E.; MOUZER, M.V.S., BRACK, P.; SILVA, T.P.; ROSA, F.S.	Etno, Nutr, Viv	Salão de Extensão-UFRGS, Circulação Pública	2009
Avaliação da diversidade de espécies arbóreas nativas produzidas em viveiros do RS.	POESTER, Gabriel Collares; COSSIO, Rodrigo Rasia; MELLO, Ricardo; KUBO, Rumi Regina.	Viv	VI CBA e II CLAA	2009
Agentes Ambientais Rurais e Viveiristas: Manejo e	GVC; FUHR, Guilherme; LÜTKEMEIER, Karin Luísa;	EA, Viv	VI CBA e II CLAA	2009

Conservação da Mata Atlântica	BRACK, Paulo.			
Grupo Viveiros Comunitários – Viveiro Bruno Irgang, Laboratório Vivo	CASAGRANDE, Alana; FUHR, Guilherme; SETUBAL, Robberson Bernal; ROSA, Fernanda Silveira; ARDISSONE, Rodrigo Endres; OLIVEIRA, Maximiliano Silva; MOUZER, Marcus Vinícius de Souza; LÜTKEMEIER, Karin Luísa; BRACK, Paulo.	EA, Viv	Resumos do VI CBA e II CLAA	2009
Avaliação da diversidade de espécies arbóreas nativas produzidas em viveiros do RS.	POESTER, Gabriel Collares; COSSIO, Rodrigo Rasia; MELLO, Ricardo; KUBO, Rumi Regina	Viv	Resumos do VI CBA e II CLAA	2009
Espécies Arbóreas de uso estratégico para Agricultura familiar, Lista preliminar, inédito	BRACK, P.; GRINGS, M.; KINUPP, V.; LISBOA, G; BARROS, I.	AF, AGF, Viv	http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes	2011
Promoção da Cadeia Produtiva de Frutas Nativas do Rio Grande do Sul, Brasil: Pensar as Dificuldades e Buscar as Soluções, de Forma Participativa.	GVC; CORRÊA, Claudine de Abreu; BELLÉ, Aldaci Menonci; KÖHLER, Matias.	Agricultura Familiar, Cadeia Produtiva, Biodiversidade nativa	VII CBA	2011
"Manutenção e Valorização de Saberes e Práticas Locais relacionadas à alimentação, agricultura e artesanato."	GVC, DESMA; Köhler, M.	Etnobiologia, Nutrição, Viveirismo	http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes	2011

Cartilha Agroflorestal Mbya Guarani - Saberes Yva`a. Trabalho de Conclusão de Curso	MOUZER, M.V.S; GVC	Etno, Agf, Viv	http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes	2011
Levantamento Etnobotânico de Plantas Alimentícias Nativas e Espontâneas no RS: Conhecimento dos Agricultores das Feiras Ecológicas de Porto Alegre.	PESCE, Luna Camargo; BRACK, Paulo	Etno, Nutr, Viv	Pdf acessado em 30/10/2012	2011

Segundo a Tabela 2, as publicações do Grupo fazem referência aos trabalhos desenvolvidos em projetos. No início, percebe-se um foco voltado para a Educação Ambiental, viveirismo e estudo de Recuperação de Áreas Degradadas. Depois, há uma diversificação das temáticas estudadas com a inclusão daquelas relacionadas com a parte nutricional das plantas, etnobiologia e agrofloresta.

4.4 VIVEIRO BRUNO IRGANG: LOCAL DE PRÁTICAS EDUCATIVAS

Desde o início, as ações do grupo tiveram a proposta de gerar troca de conhecimentos e vivências de forma a proporcionar que as pessoas, estudantes ou não, se tornem mais conscientes e ativos nos processos socioambientais dos quais fazem parte. As Ocupações Verdes, os Projetos de Educação Ambiental com crianças, adolescentes e professores de escolas públicas e em locais como a Reserva Biológica do Lami e o Morro Santana são exemplos, entre tantos outros, dessa busca.

A prática de educação ambiental desenvolvida de 2006 a 2008, com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita Garibaldi, localizada na Vila Santa Isabel, Viamão, ampliou significativamente as concepções educativas de um grupo de estudantes que realizavam um Projeto de Extensão na escola, em 2008, bem como dos estudantes que naquele tempo realizavam seu estágio de docência, vinculados à disciplina Prática de Ensino em Ciências, obrigatória do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Neste caso, pela

primeira vez, as vivências dos alunos na escola foram realizadas *em coletivo*, o que viabilizou e resultou na criação e organização do “Curso de Agentes Ambientais: Viveiristas e Semeadores”. Esta experiência reuniu colegas que juntos questionaram o modelo de educação vigente e criaram uma nova maneira de trocar conhecimentos e conviver com os alunos da escola Anita Garibaldi.

O laboratório do professor de Ciências e de seus alunos não pode ficar restrito ao limite de quatro paredes; ele é mais abrangente, pois é todo ambiente onde possa buscar conhecimento, para si e para seus alunos. (GOUVEIA, 1994. apud GRINGS, M., 2008, p.4)

Ressalta-se desta citação, que o conhecimento que contempla a educação faz parte de todo o ambiente em que as pessoas estão inseridas e não fica restrito à sala de aula. A experiência na escola Anita Garibaldi gerou aprendizados e reflexões a cerca da utilização de espaços variados como ferramentas de ensino e de conteúdos a serem abordados, do trabalho de docência em grupo e da convivência com os estudantes e professores da Escola Anita Garibaldi.

Uma questão relevante nesse processo refere-se à autoestima ecológica, isto é, a valorização da natureza do espaço onde se vive. Os estudantes demonstravam ter algum preconceito por morar na periferia da cidade com diferentes condições de urbanização do centro da cidade e próximo a áreas verdes. Uma colega que trabalhava no projeto, por exemplo, perguntou à turma: “Então pessoal, o que é que tem no mato?” As respostas: “Lixo.”, “Maconheiro...”. Esse diálogo demonstra que o mato é visto como algo ruim, onde se joga o lixo e onde ficam as pessoas que agem contra lei, aspectos negativos. Por outro lado, eram as condições de remanescentes naturais e um afastamento urbano que nos faziam ver aquele lugar e aquelas pessoas como especiais e cheios de potencialidades.

Assim, o viveiro pode ser concebido como um espaço pedagógico e educativo em que as pessoas, conduzidas por metas comuns, são os sujeitos de suas aprendizagens e de seus ensinamentos que, através do desenvolvimento do pensamento crítico, ampliam suas possibilidades de compreender os contextos ambientais e históricos da nossa sociedade e sua *naturacultura*. Através da produção de mudas e do envolvimento com as vidas que se plantam, estudos e reflexões decorrentes têm contribuído nas distintas ações que priorizam a manutenção da vida viva, como os atuais movimentos coletivos preservacionistas. Afirma-se assim o valor social e educativo de uma das principais intenções do VBI: promoção de atividades que desenvolvam processos de construção de conhecimento em práticas

comunitárias e reflexões críticas sobre educação, autonomia nas ações grupais, solidariedade e responsabilidade social.

Uma prática que agregou vários colegas na convivência dentro do viveiro foi a realização, em 2010, do **Curso de Viveirismo**, através de mutirões semanais ao longo de alguns meses. Estudantes organizaram esse curso gratuito que viabilizou a aproximação de várias pessoas com o viveiro, permitindo que elas se sentissem mais confiantes e começassem a se envolver nesse movimento coletivo. Essa ação revitalizou a autoestima individual e coletiva do grupo ao possibilitar que as pessoas se sentissem mais integradas e responsáveis.

Ao buscar uma consciência crítica sobre o ensino protagonizado nas escolas e universidades e àquele que desejamos, sentimos necessidade de aprender e nos esclarecer sobre alguns temas que os nossos cursos de graduação não nos oferecem. Enquanto estudantes universitários e com atuação no DAIB, organizamos debates coletivos, reflexivos e críticos, que acabaram por difundir a um maior número de pessoas quais eram/são nossas prioritárias lacunas teóricas e empíricas, compartilhá-las e criarmos um coletivo mais fortalecido e atuante. Foi deste processo que resultou o *Movimento Coletivo da Biologia*, MOCOBIO, composto não apenas por Biólogos ou estudantes de biologia, mas também por todas as pessoas inseridas nas redes de interesses com o coletivo da Biologia.

Nesses debates, conhecidos como **Chimarrão Consciência**, apareciam muitas temáticas político-sociais envolvendo conhecimentos de biologia, atuações de movimentos sociais, vivências, legislações, a questão das áreas destinadas à conservação da natureza, conflitos urbanos e rurais, comunidades tradicionais e suas culturas, entre outras, que muito contribuíram na formação de um pensamento crítico nos estudantes e demais envolvidos. Estas ações de debates e esclarecimentos são abertas ao público e muitas vezes refletem o trabalho de professores e colegas que trazem também suas experiências práticas sobre o exercício profissional.

A prática de **oficinas** também foi uma ferramenta muito positiva, pois com uma ação pontual e prática abre-se o diálogo para conversar sobre o tema proposto, além de favorecer laços de amizade e cooperação entre as pessoas. As oficinas geralmente são coordenadas por membros do grupo, duas ou mais pessoas e o número de participantes varia de acordo com a proposta da oficina. Realizamos várias oficinas convidando a comunidade acadêmica (estudantes, professores e funcionários) e a sociedade de forma geral a partir do conhecimento sobre as plantas, por exemplo: oficina de confecção de cordas de sisal a partir da fibra da *Agave*; despolpa de butiá (*Butia capitata*); papel reciclado; tingimento de tecido com plantas; artesanatos com sementes e frutos, entre outras. Este tipo de ação fortaleceu a autoestima

comunitária, na medida em que as pessoas se sentiam estimuladas a expressarem-se em coletivo, criando e aprendendo juntas.

Através da socialização das práticas do grupo, outras atividades foram aparecendo, como o **Trote Consciente**. Era, e continua sendo, uma proposta de contraposição ao trote convencional, buscando sensibilizar os participantes com vivências em coletivo, objetivando ações práticas, como: coleta de lixo, ocupação verde e bioconstrução, entre várias outras. Com estas ações, busca-se refletir e compreender o contexto socioambiental em que estamos imersos e suas relações conflitivas. A partir destes processos interativos e concretos, os participantes puderam aprender mais sobre ser um cidadão, ativo e responsável pelos ambientes em que vivemos. Desde 2002, o trote consciente vem acontecendo em todos os semestres e se firmou ao longo dos tempos como uma atividade do GVC em parceria com o DAIB e outras pessoas ou coletivos.

5 ANÁLISE

5.1 REFLEXÃO SOBRE A PROPOSTA EDUCATIVA

Ao iniciar a leitura dos documentos que pertencem ao Arquivo Histórico do Viveiros Comunitários, deparei-me com um texto chamado *Um grupo* escrito por Juliana Davini (Anexo 3) que começa sua narração da seguinte maneira:

Nada como um novo grupo para nos causar tantos desafios e desejos. Desejo de trabalhar e ensinar tão próprios daquele que participa de instituições educativas. (DAVINI, Juliana, Anexo 3)

A partir disso, no texto, Juliana procura trazer os anseios de quem quer ensinar e aprender buscando conhecer a quem se direciona o conhecimento e que saberes são esses que se quer construir junto e, por que construir junto. Construir junto é importante porque não somos donos da verdade, buscamos ser construtivos, mas nem sempre conseguimos agir assim. Um grupo é importante para aprendermos uns com os outros, para reconstruir nossos saberes e posturas que pareciam tão abertos, é importante para desestabilizar e conceber ideias novas. A concepção de grupo que queremos, leva-nos à construção de um ensinar que evoca o sujeito afetivo, cognitivo, social e sensível e preza pelas relações entre as pessoas. (DAVINI, Juliana, Anexo 3)

Ainda que nem todos os envolvidos no movimento coletivo GVC-DAIB estivessem com pretensões de tornarem-se professores-educadores atuantes em sala de aula, todos se envolviam com a arte de educar e se permitiam brincar com ela ao aprenderem e ensinarem o pouco-muito que sabiam aos seus iguais. Corroborando, cito Rubem Alves (1987) com suas peculiares diferenças entre *ser professor* e *ser educador*.

Eu diria que educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal. (ALVES, 1987, p.13)

Mas **professores** são habitantes de um mundo diferente, onde o “educador” pouco importa, pois o que interessa é um “crédito” cultural que o aluno adquire numa disciplina identificada por uma sigla, sendo que, para fins institucionais, nenhuma diferença faz aquele que a ministra. Por isto mesmo

professores são entidades “descartáveis”, da mesma forma como há canetas descartáveis, coadores de café descartáveis, copinhos plásticos de café descartáveis. (ALVES, 1987, p.13)

A diferença substancial entre professores e educadores está na relação dos mesmos consigo e com o mundo que os cerca. Os dois possuem a mesma missão, a de contribuir na formação dos sujeitos que lhes são confiados e lhes ensinar o que sabem. Contudo, o que os diferencia é a sua proposta educativa, ou de vida, sua forma de agir no mundo reconhecendo e valorizando os outros sujeitos como seres inteiros – emoção-cognição em relações sistêmicas.

Os anseios trazidos pelo texto “Um grupo” e pelas distinções entre professor e educador de Rubem Alves são buscas e reflexões sobre a proposta educativa que se deseja ou não. A tarefa educativa, segundo Maturana e Rezepka (2000), é composta por duas classes distintas de fenômenos: a formação humana e a capacitação. Sendo a **formação humana** a criação de condições que guiam e apoiam os seres humanos em seu crescimento para que sejam capazes de viver no auto-respeito e no respeito pelo outro, sem medo de desaparecer na relação consigo e com o mundo. Já a **capacitação** está relacionada com a aquisição de habilidades ou capacidades de ação no mundo e consiste na criação de espaços de ação e na reflexão sobre esse fazer como parte do viver que se vive e deseja viver. (MATURANA; REZEPKA, 2000, p.11)

A forma de relação presente no Grupo VC busca a valorização do sujeito afetivo, da autoestima e da autonomia. Estamos todos em processo de formação tanto quando agimos na posição de estudante quanto quando agimos na condição de educadores. O trabalho em grupo proporciona uma diversidade de olhares e sentimentos a respeito do que se objetiva trabalhar permitindo a reflexão sobre situações e atitudes, gerando um espaço de ampliação das percepções, da inteligência e da criatividade. Como poderíamos ensinar valores de cooperação e de respeito se não os buscamos nas nossas ações?

Em Maturana e Rezepka (2000) e Maturana (2001) fala-se na Biologia do Amor como ferramenta para praticar a tarefa educativa. Isto é, reconhecer e aceitar a legitimidade dos seres em formação e, enquanto professores, estabelecer relações com essa legitimidade buscando ampliar as capacidades de ação e reflexão desses seres. O espaço educacional deve ser vivido como um espaço amoroso e deve permitir ver, ouvir, cheirar, tocar o que há ali (MATURANA; REZEPKA, 2000, p. 17).

Essa é a tarefa educativa utópica, contudo, quando vamos para uma sala de aula, nos deparamos com grandes desafios e percebemos que tudo que parecia tão claro e certo não é tão fácil de vivenciar. Enquanto apenas se teoriza sobre as situações, a realidade é uma,

contudo ao vivenciá-la precisamos também aprender a nos relacionar e trabalhar nossas emoções, essa linguagem cultural que nos é transmitida e que podemos modificá-la de acordo com a maneira em que vivemos.

Todas as condutas humanas como modos de interação surgem e se dão desde uma emoção que lhes dá seu caráter de ação. Dar-se conta das próprias emoções implica em dar-se conta do que se quer, e isto abre as perguntas pela responsabilidade e pela liberdade. Alguém é responsável quando é consciente das consequências das próprias ações e atua de acordo com a decisão entre a pessoa querer ou não essas consequências. (MATURANA e REZEPKA, 2000, pp. 26-30)

Para podermos atuar como educadores, precisamos estar cientes de que nossa responsabilidade, além de capacitar nossos alunos, é também de formá-los como seres humanos responsáveis e conscientes de si e do mundo. Nosso grande desafio como educadores é lidar com as contradições históricas do nosso processo de formação individual e social, que necessariamente incidem e atuam nas diferentes ações educativas ou de ensino em que se possa trabalhar. Sendo assim, evidencia-se uma necessidade radical de concebermo-nos como humanos aprendizes em continuado processo de transformação, no sentido de uma humanização que valorize o outro, o diferente, o diverso, com consciência crítica e responsabilidade socioambiental.

Uma grande falha do nosso curso de Licenciatura é deixar para última fase do curso de graduação a experiência prática do futuro professor. Desta forma, o aluno de graduação deixa de aproveitar de forma efetiva o conhecimento que está sendo debatido durante a sua formação específica, pois lhe falta vivência. As instituições de ensino, de um modo geral, incluindo a Formação de Professores através dos cursos de Licenciatura, abordam pouco a organização coletiva como prática de aprendizagem, seja através da docência compartilhada ou outras formas de trabalho docente que se vale de outras bases pedagógicas. Poderíamos aprender mais se, por exemplo, nos relacionássemos mais com nossos colegas e pudéssemos construir juntos propostas educativas práticas e suas reflexões, como foi o caso da Prática de Ensino em Ciências, realizada por oito alunos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e que gerou, em 2008, o *Curso Agentes Ambientais Viveiristas e Semeadores*.

A possibilidade de trabalhar como educador, em duplas ou pequenos grupos, tem se apresentado muito positiva. Um número maior de pessoas pensando a atividade proposta e mediando os aprendizados de um coletivo tem se mostrado uma metodologia mais satisfatória do que a prática em que um professor é responsável, simultaneamente, por um grande grupo

de alunos.

O trabalho com *educação ambiental* nos leva para dentro da escola e com a possibilidade de exercitarmos nossas propostas educativas em um ambiente externo e sem a rigidez do currículo obrigatório. Isso não faz com que seja menos importante o que se faz fora da sala de aula, mas, no mínimo, tão importante quanto, pois nesse outro espaço também se tem uma proposta educativa e também se precisa de organização e seriedade.

Segundo Loureiro (2003), a educação ambiental é definida como uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos. Para vivermos em uma sociedade mais ativa e consciente, é imprescindível que se busque uma formação crítica que valorize o ser humano como sendo uma das expressões da natureza, assim constituindo processos culturais com práticas sustentáveis.

Em Lemos & Maranhão (2008), define-se um viveiro educador como sendo um espaço de produção de mudas de espécies vegetais onde, além de produzi-las, desenvolve-se processos com intenção de buscar e ampliar as possibilidades de construção de conhecimento, exercitando em seus procedimentos e práticas, reflexões que tragam em seu bojo o olhar crítico sobre questões relevantes para a educação ambiental, como por exemplo, ética, solidariedade, responsabilidade socioambiental, segurança alimentar, inclusão social, recuperação de áreas degradadas entre outras possibilidades. O que diferencia um viveiro florestal convencional de um viveiro educador é a intenção de utilizá-lo como espaço de ensino-aprendizagem, orientado por procedimentos pedagógicos destinados a formação das pessoas que com ele interagem.

Portanto, ao aliarmos a proposta de trabalho com educação ambiental sob a ótica do viveirismo ecológico teremos uma busca de formação dos seres humanos a partir de práticas de viveirismo que busquem valorizar os saberes tradicionais e científicos como estratégias para a conservação e sustentabilidade no manejo da biodiversidade e da vida.

5.2 O VIVEIRO COMO UM ESPAÇO LÚDICO DE APRENDIZAGENS

O Laboratório Vivo é um espaço situado no território da UFRGS, que permite experimentações científicas e sociais, sensibilizações da percepção individual e coletiva, trocas mediadas por nós mesmos, expressões artísticas, bioconstrução, reciclagem e

brincadeiras. Em estudos realizados nas disciplinas de Psicologia do Jogo I e II (EDU01017 e EDU01018), oferecidas aos cursos de Licenciatura da Universidade pelo Departamento de Estudos Básicos (DEBAS) da Faculdade de Educação (FACED), pude perceber que o envolvimento com o viveiro e suas práticas pode, também, ser considerado um jogo ou brincadeira. Segundo Caillois (1958), o jogo ou a atividade lúdica pode ser caracterizada por ser uma ação livre, improdutiva, imprevisível, simbólica, regulamentada e definida em termos de espaço e tempo de realização (apud FORTUNA, 2004).

Uma ação livre representa que somos capazes de expressar nossas buscas através de nossas ações focadas muito mais no que vamos ser capazes de aprender com o que quer que façamos, não importando apenas atingir o pleno sucesso dos projetos, sim o que podemos realizar de melhor. No atual modelo universitário, há exigências em produção científica, publicação e certificação dos variados tipos de trabalho docente e discente, como se isso fosse o mais importante. Contudo, consideramos fundamental que os processos de ensino-aprendizagem gerem outras invenções ou criações, com o fortalecimento das relações mais importantes. Esta perspectiva pode ser confirmada por inúmeras ações realizadas, das quais não temos certificação, talvez fotos ou relatos.

Um exemplo são as duas edições da oficina Biodiversidade pela Boca, ocorridas no Salão de Extensão, respectivamente, em 2011 e 2012, que não constaram da Programação oficial, mas que efetivamente ocorreram e geraram grandes aprendizados (Anexo 4). Talvez seja esta uma questão a se modificar no grupo, pois muitas vezes ao deixar de certificar oficialmente as realizações, também deixamos de ser reconhecidos em várias de nossas potencialidades. O que aparece do nosso trabalho acaba sendo limitado pelas percepções de quem olha, enquanto nossa atuação e envolvimento são mais amplos.

O fato de o jogo ou a brincadeira ser uma ação simbólica representa que o que fazemos é importante para o nosso coletivo. Às vezes, quem olha de fora pode interpretar a nossa simbologia através do seu juízo de valores e não gostar do que vê como acontece com a estética do viveiro, mas para quem está ali envolvido, o que realmente importa é se a simbologia usada tem valores, sendo estes também componentes dos sujeitos em grupo. As regras que regulamentam esse jogo são o envolvimento e a disposição em aprender, criar e se libertar em conjunto.

O elemento estético é bastante forte na nossa sociedade. Para ser reconhecido como bonito, precisa-se seguir um conjunto de determinados padrões nacionais e internacionais. Contudo, querendo valorizar nossas características marcantes, pensamos em uma proposta de “paisagismo ecológico” em que nos canteiros, ao invés de introduzir plantas quaisquer,

deixamos crescer as plantas nativas adubadoras do solo - produzem muita massa foliar e melhoria das condições do solo -, e com elas poder conhecer a beleza da biodiversidade nativa.

O Laboratório Vivo constitui-se também em um espaço de brincar, de aprender, de ensinar e sensibilizar, conscientizar-se das relações entre os humanos, ou seja, um espaço cultural com atividades prazerosas. Se analisarmos o cotidiano escolar veremos que a atividade lúdica ou o brincar fica restrito a tempos reduzidos como recreio ou momentos específicos, não raro sendo suprimidos por razões específicas como comportamento inadequado dos alunos ou manutenção da estrutura física da instituição educativa.

Segundo Fortuna (2000), enquanto na escola persistir a divisão do espaço-tempo nos moldes do capitalismo, não só o jogo experimentará segregação e, sim, todas as atividades que não se adequem ao projeto utilitarista e pragmático de escola. Portanto, devemos buscar tornar nosso tempo e espaços mais agradáveis às trocas e aprendizagens pautadas em construir, formar e capacitar os humanos à vida em uma sociedade de classes sociais definidoras de quem somos e/ou podemos ser.

5.3 GVC E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO INICIAL: reflexões

A reflexão sobre as possíveis contribuições do GVC na formação inicial dos estudantes, referida neste trabalho, implica em melhor capacitar os estudantes para o exercício da sua profissão. Se analisarmos o currículo do Curso de Ciências Biológicas, por exemplo, veremos uma forte tendência à capacitação técnica, ou seja, pouco se discute sobre o que realmente está nos capacitando. Esta tendência vem mudando através de alterações curriculares em que algumas disciplinas estão sendo acrescentadas, principalmente em relação aos conhecimentos do campo da Etnobiologia, da Etnoecologia e da Etnobotânica. Contudo, acredito que podemos ser mais críticos em nossas aprendizagens e questionar mais o que aprendemos e o que acontece na sociedade. Existe também uma ausência no currículo que nos capacite como viveiristas, pois embora estudemos a vegetação e flora de forma sistemática, anatômica e fisiologicamente, não somos habilitados a ser responsáveis por um viveiro.

De forma geral, pouco se associa os conhecimentos biológicos abordados nas aulas às questões político-sociais e ambientais que envolvem a formação dos estudantes. O que aprendemos nas aulas fica distante do contexto de crise socioambiental em que estamos inseridos, o que nos conduz a valorizar Freire (1994), ao trazer a reflexão para a educação

como um ato político e a sala de aula como espaço transformador e construtor de conhecimentos relacionais e contextualizados.

Sendo o GVC um coletivo de estudantes e professores que busca uma formação consciente e ativa, capaz de gerar profissionais críticos e responsáveis, traz questões relevantes para o debate, promovendo socialização dos saberes e condutas específicas com outros estudantes e a comunidade em geral. A formação de um grupo é uma forma de empoderamento e cria uma identidade de buscas e ações que serão pensadas e realizadas por esse coletivo.

Através das tabelas 1 e 2, com Projetos de Extensão e Publicações, podemos ter uma referência das atuações do Grupo. Na tabela 1, por meio dos Projetos de Extensão evidencia-se a Educação Ambiental e o Viveirismo como cerne da proposta de ação do grupo. O Viveirismo ecológico que busca valorizar e ser uma estratégia de conservação e sustentabilidade da biodiversidade nativa serve como uma ferramenta na formação consciente e atuante em soluções para os processos que permeiam nossa sociedade, através da Educação Ambiental.

A atuação em parceria com a Reserva Biológica do Lami e o Parque Estadual de Itapuã, em anos passados, trouxe para o grupo e colegas experiências a cerca de como se viabiliza a gestão de uma Unidade de Conservação, na relação com as comunidades do seu entorno. Também, experienciou-se e se refletiu sobre a importância da educação e da valorização da cultura local, por meio do diálogo.

Percebemos, através dos projetos do Grupo, a necessidade de dialogar com as comunidades acadêmicas ou escolares ou de pequenos agricultores. A busca deste diálogo vem ao encontro da soma de conhecimentos, das trocas vivenciais e da acessibilidade às tecnologias tradicionais. Acredito que este panorama enriquece a formação dos estudantes, pois são vivenciados conhecimentos e realidades que permitem uma maior compreensão da abrangência da aplicação de nossos conhecimentos e da responsabilidade da diplomação até então restritos ao papel, caneta e computador em sala de aula.

Conhecer a realidade de escolas públicas não como aluno curricular, mas sim como professor e saber como se pode atuar, incluindo a importância da parceria com a comunidade entre outras questões são importantes na formação do graduando. A vivência com agricultores, possibilitada pelos Projetos de Extensão Estudo e Práticas de Viveirismo em um Centro de Formação de Agricultores e Biodiversidade Aplicada à Agricultura Familiar - MPA, em Santa Cruz do Sul, de 2009 a 2010, coordenadas pelo Prof. Paulo Brack, aproximou-nos da realidade enfrentada com a lida da terra e com as leis que teoricamente são boas, mas na

prática dificultam ou inviabilizam várias ações que poderiam gerar produtos melhores e frutos de manejos sustentáveis para a sociedade em geral.

Em outros projetos buscou-se conhecer e experimentar a reciclagem de materiais nas práticas do viveiro e técnicas de bioconstrução, que vem a agregar conhecimentos externos ao nosso meio acadêmico profissional de Biólogo, contudo são conhecimentos extremamente úteis para o desenvolvimento de trabalhos com baixo custo além de incentivarem a criatividade e a reconstrução do lixo em algo útil.

A prática do viveirismo com espécies nativas também possibilitou ao grupo um aprofundamento nos conhecimentos relativos à dinâmica de formação da vegetação do Rio Grande do Sul, bem como de aspectos específicos de cada espécie da flora que se buscou trabalhar como a Botânica Sistemática e as formas de dispersão dessas plantas como animais, vento, sementes entre outras. Este estudo intensivo sobre a flora e suas características contribuiu muito na formação e capacitação do graduando, pois existem linhas de atuação de pesquisa sistemática e trabalhos em que se exige grande conhecimento na identificação científica de plantas.

Analisando a Tabela 2, percebemos que as publicações do GVC envolvem desde jornais de circulação pública como “O Capincho” até artigos científicos envolvendo estudos sobre viveirismo, o desenvolvimento de técnicas de germinação e recuperação de áreas degradadas, de plantas envolvendo Etnobiologia e Educação Ambiental.

Percebe-se que, a partir de 2011, as publicações de materiais envolvem o trabalho e estudo em parceria com agricultores e indígenas. Sendo estes: Espécies Arbóreas de uso estratégico para Agricultura Familiar (2011); Promoção da Cadeia Produtiva de Frutas Nativas do Rio Grande do Sul (2011), Brasil: Pensar as Dificuldades e Buscar as Soluções, de Forma Participativa (2011); Manutenção e valorização de Saberes e Práticas relacionadas a agricultura, alimentação e artesanato (2011); Cartilha Agroflorestal Mbya Guarani - Saberes Yva`a (2011).

Esses estudos demonstram a busca pela combinação de saberes científicos e saberes tradicionais. Emergem deste contexto a valorização da cultura ancestral e a socialização dos saberes próprios da academia em meios diversos. Através dessas publicações, há o reconhecimento e empoderamento dessas comunidades com quem desenvolvemos trabalhos em conjunto gerando um retorno para ambos e a visibilidade da extensão na Universidade.

Contudo, faço a avaliação de que a geração de conhecimentos pelo Grupo não se reflete no número de publicações. A importância de socializar os conhecimentos dentro do meio acadêmico através de publicações e tornar essas publicações acessíveis à sociedade

também poderia ser um aspecto a ser mais discutido entre os objetivos do grupo.

6 CONCLUSÃO

Ao pesquisar e analisar o histórico de ações do GVC, além de minha participação neste coletivo, evidenciaram-se as positivities formativas nos graduandos e demais participantes do Projeto de extensão, de ensino e de pesquisa *Grupo Viveiros Comunitários*. O Laboratório Vivo de trocas, vivências e estudos, oportunizado pelo GVC, é um espaço singular na Universidade e, ademais, possibilita o enriquecimento na formação e capacitação de estudantes e profissionais.

Percebe-se também que as práticas desenvolvidas por este coletivo vêm sendo reafirmadas e recriadas ao longo dos anos e também serviram de base para outras iniciativas de pesquisa e extensão universitária.

As atividades educativas trouxeram um amadurecimento do coletivo para se envolver e trabalhar com educação, entendida como formação humana e capacitação. A prática do viverismo ecológico e as vivências com agricultores, indígenas, artesãos e a comunidade em geral trouxeram diferentes perspectivas de como o Biólogo pode atuar, buscando trabalhar com a valorização da biodiversidade em diferentes etapas da cadeia produtiva. Isto é, trazer à realidade do estudante questões como aplicação de legislação, produção de plantas nativas, agrofloresta, processamento de produtos e subprodutos da biodiversidade e sua comercialização.

Ao longo dos quinze anos de atuação do GVC, muitas pessoas fizeram parte desse coletivo e deixaram sua marca através de seus aprendizados e ações. Muitos dos objetivos de estudos práticos iniciais foram amadurecidos e hoje temos resultados desse legado aliado a novas propostas, incitadas por novas pessoas. É criado assim, um ambiente rico em trocas e aprendizados para além dos muros acadêmicos.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Cortez Editora/Autores Associados. 19 ed.São Paulo. 1987

ARDISSONE, Rodrigo Endres.; MOUZER, Marcus Vinicius Souza., BRACK, Paulo; SILVA, Tamires Pacheco; ROSA, Fernanda Silveira **Cartilha sobre as Plantas Alimentícias Não Convencionais - PANC's**. Salão de Extensão da UFRGS, 2009.

BRACK, Paulo; GRINGS, Martin; KINUPP, Valdely; LISBOA, G.; BARROS, Ingrid **Espécies Arbóreas de uso estratégico para Agricultura familiar, Lista preliminar, inédito, 2011.** <http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes>

BRANDAO, C. R. **O que é educação**. 48 reimpr. São Paulo:Brasiliense, 2006.

BRIGGS, B. **Introducción al Proceso de Consenso**. Edición em español, enero 1998. Versión revisada marzo 2000. Traducción al español de Fabio Mazziny Leslie Pascoe.

CASAGRANDE, A. 2007. Relatório da Prática de Ensino em Ciências: **Curso sobre Biodiversidade e Cultura – Enfoque na vegetação – E.M.E.F. Juddith Macedo de Araújo – Grupo Amigos do Verde – Laboratório de Inteligência para o Ambiente Urbano (LIAU)**. 39 p.

CASAGRANDE, Alana; FUHR, Guilherme; SETUBAL, Robberson Bernal; ROSA, Fernanda Silveira; ARDISSONE, Rodrigo Endres; OLIVEIRA, Maximiliano Silva; MOUZER, Marcus Vinicius de Souza; LÜTKEMEIER, Karin Luísa; BRACK, Paulo. **Grupo Viveiros Comunitários – Viveiro Bruno Irgang, Laboratório Vivo**, Resumos do VI CBA e II CLAA, 2009.

CORBELLINI, L.M. ; SHAULA, Sampaio, S. M. V. ; MATTE, Ana Luiza Leichter; M. F. A. ; MELLO, Anderson Santos de ; Silva, F. . **Projeto Educação Ambiental no Quintal da Escola: Os Saberes de uma Comunidade e a Construção de um Espaço Sustentável**. In: IV Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002, Recife. Resumo IV Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Recife, 2002.

CORRÊA, Claudine de Abreu; BELLÉ, Aldaci Menonci; KÖHLER, Matias. **Promoção da Cadeia Produtiva de Frutas Nativas do Rio Grande do Sul, Brasil: Pensar as Dificuldades e Buscar as Soluções, de Forma Participativa**. Resumos do VII CBA, 2011.

FORTUNA, T. R. **Vida e morte do brincar**. In: ÁVILA, I. S. (org.) **Escola e sala de aula: mitos ritos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FREIRE P. **Pedagogia do Oprimido**. 4 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FUHR, Guilherme; LÜTKEMEIER, Karin Luísa; BRACK, Paulo. **Agentes Ambientais Rurais e Viveiristas: Manejo e Conservação da Mata Atlântica**, Resumos do VI CBA e II CLAA, 2009

GONÇALVES, D.M. **Universalização da Educação Básica no Brasil: Utopia para a Construção de uma Educação Integral**. Escola Nacional de Ciências e Estatísticas – ENCE. Rio de Janeiro. 2010.

GRINGS, M. **Relatório de Prática de Ensino em Ciências Curso de Agentes Ambientais: Viveiristas e Semeadores**. Escola Municipal de Ensino Fundamental Anita Garibaldi. Porto Alegre. 2008 <http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes>

http://www.ence.ibge.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=65e84a98-8041-4a9d-b1c0-446f52463b02&groupId=37690208 acessado 15/09/12.

JAEGER.W. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes 1986.

KINUPP, V.F. **Plantas Alimentícias não-convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007 <http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes> acessado em 4/12/2012.

Köhler, M. Relatório de atividades da bolsa de extensão "**Manutenção e valorização de saberes e práticas locais relacionadas à agricultura, alimentação e artesanato.**" 2011. <http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes>

LIESENFELD, M.V.A.; Corbellini, L.M.; MELLO, Anderson Santos de ; M. F. A. ; SETUBAL, Robberson Bernal ; Ardisson, R.E. **Ocupando a Paisagem de Verde: testando todos de restauração de uma área degradada com o envolvimento da comunidade**. Anais SBEE 2003

M. F. A.; Ardisson, R.E; FUHR, G. **Oficina de Educação Ambiental**. 2008. MOUZER, M.V.S. **Cartilha Agroflorestal Mbya Guarani - Saberes Yva`a. Trabalho de Conclusão de Curso, 2011**. <http://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/publicacoes>

M. F. A.; Santos, M. F.; Ardisson, R.E; BRACK, Paulo; SETUBAL, Robberson Bernal; FRÖHLICH, R.; MELLO, Anderson Santos de; Liesenfeld, M.V.A.; Magalhães, R.; Kinupp, Valdely; Polmann, M. V. **Projeto Curso Nossos Olhares: Educação Ambiental na Biorregião do Lami**. Anais I SEESUL, 2003.

MATURANA, H.; REZEPKA, S.N. **Formação Humana e Capacitação**. Tradução Jaime A. Clasen. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 2000.

MELLO, Anderson Santos de; M. F. A.; Corbellini, L.M.; SETUBAL, Robberson Bernal; Ardisson, R.E; Liesenfeld, M.V.A. **Sobrevivência de *Sesbania virgata* (Cav.) Pres. (Leguminosae) dois anos após a semeadura em uma área degradada, Município de Porto Alegre/RS** SBEE, 2003.

PESCE, Luna Camargo; BRACK, Paulo. **Levantamento Etnobotânico de Plantas Alimentícias Nativas e Espontâneas no RS: Conhecimento dos Agricultores das Feiras Ecológicas de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2011. Pdf acessado em 30/10/2012.

POESTER, Gabriel Collares; COSSIO, Rodrigo Rasia; MELLO, Ricardo; KUBO, Rumi Regina. **Avaliação da diversidade de espécies arbóreas nativas produzidas em viveiros do RS**. Resumos do VI CBA e II CLAA, 2009.

PRINTES, Rodrigo Cambará (org.). **Plano de Manejo Participativo da Reserva Biológica do Lami** .Porto Alegre: SMAM, 2002.

TALBOT, V., CASAGRANDE, A., FUHR, Guilherme, COLLA F. B, Rosa, F., OLIVEIRA, M.S., BRACK, P. **A Percepção Ambiental de uma comunidade escolar como instrumento para conservação da biodiversidade** In: IV Simpósio Gaúcho de Educação Ambiental, I Fórum Estadual sobre Conservação e Uso Sustentável da Água e XVI Semana Alto Uruguai do Meio Ambiente, 2007, Erechim.

8 ANEXOS

Lista de Anexos

Anexo 1- Ficha de Controle de Semeadura

Anexo 2- Fotos do Viveiro Bruno Irgang

Anexo 3- Texto Juliana Davini

Anexo 4- Fotos das Oficinas de Biodiversidade pela Boca (2011 e 2012)

Anexo 1 – Ficha de Identificação de Semeadura



Nº _____

Ficha de Semeadura e
Desenvolvimento
VIVEIRO BRUNO IRGANG

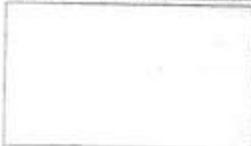


Nome popular: _____ Variedade: _____
 Nome científico: _____ Família: _____
 Data de semeadura: _____ Semeador: _____
 Objetivo: _____

Nº de sementes: _____ Profundidade: _____
 Substrato: _____ Cobertura (ex. palha): _____
 Propagação (semente/bulbo/estaca/mergulhia): _____
 Beneficiamento (água, escarificação, frio): _____

Descrição do método: _____

Croqui (Local da semeadura no viveiro)



Observações: _____

Acompanhamento da Germinação						
Data						
Germinação						
Altura (cm)						
Folhas						
Mortalidade						
Pragas/doenças						

Rega (rotural, 1x/semana, semanal): _____
 Proponente(s): _____

REPLICAGEM
 Data do replique: _____ Lus: _____ Condições climáticas: _____

Nº de mudas: _____ Tamanho das mudas: _____ Taxa de germinação efetiva (%): _____
 Algo mais: _____

Anexo 2- Fotos do Viveiro Bruno Irgang



2004 – Antes de tudo



2004



2005



2005



2007



2009



2011



2011



2012



2012



2012



2012

Anexo 3- Texto de Juliana Davini – Arquivo 1 GVC

2. Um grupo
Juliana Davini

Nada como um novo grupo, para ensinar nos tantos desafios e desafios. Desejo de trabalhar e de ensinar, tão próprios daquele que participa de instituições educativas.

Toda educadora ansiosa à seu grupo, mas só sabe o que vai ensinar quando conhece o seu grupo. Conhecer significa que ele faz hipóteses do que cada um já conhece e do que ainda não sabem, dentro de cada eixo de conteúdo que compõe aquele grupo. Então, se ele é coordenador pedagógico, precisa fazer um estudo do que sabe sobre, por exemplo: artes, matemática, grupo, jogo, escrita, metodologia, concepções de educação, desenvolvimento infantil, formação do professor, etc.

Precisa saber em qual etapa da construção daquele conteúdo encontra-se seu educando, assim encontrará o caminho para o ensino significativo, nem além, nem aquém da necessidade do seu educando. Só assim poderá modificar a relação do sujeito com suas hipóteses de saber, amplificar sua relação com o objeto a ser conhecido. Com isto rompemos com o conceito do professor leigo, sendo que todos nós partimos do lugar em algum eixo de conteúdo para aprendermos sobre ele. Depende da postura do educador, fazê-lo superar-se ou inani-lo no não saber.

E por que construir se faz junto?

Na prática tradicional, o educador era o dono do conhecimento, considerando os alunos não como seres pensantes que partem de hipóteses e, portanto, tem um saber, mas como se fossem vazios, precisando ser preenchido pelo outro. Ali, no papel dele, é o conhecimento ao outro que não pensa, devendo reproduzir e mostrar no seu desempenho se assimilou. O educador exercita aqui um ensinar "guloso" onde ele fala muito, ouve pouco, e não inclui o sujeito no conteúdo.

Na escola onde o coordenador deixa o professor planejar, estudar por si, há a prática espontânea: que criamos a tradicional da autoridade, aquela que o educando aprende sozinho e seu papel é dar toques, orientar. Mas na prática, vemos que ele não orienta de perto, pelo menos não o faz cotidianamente. Aqui ele exercita um ensinar "sem sistematização", somando, às vezes, "preguiosa", onde procuramos o sujeito afetivo.

Todo educador precisa de um outro que lhe instigue o pensar, que o ajude a superar-se, que o ajude a fazer avanços.

produzindo, na concepção de desenvolvimento do educando, o seu trabalho precisa respirar a liberdade deste educador, ou seja, vai buscar seu nome próprio, sentido da massa homogênea de ser "A.D.", "pejora", "técnico especializado", etc. Além da busca do nome, é resgatada a sua história, para poder debater-se nela e refletir, ampliá-la.

Por isto o educador precisa ter acesso à sala, só pode ajudá-lo a crescer, se conhecê-la. Al processo impõe-se a ele tem formalmente e 1º, 2º ou 3º graus completo. Para cada sujeito há um saber e um não saber. Aquê que não faz seu planejamento tem acesso a que o outro pensou, está na hipótese da etapa do modelo (que todos passamos), e só sairá dele se for desestabilizado, desafiado no que não sabe.

Aquê que dá desenho livre sempre, não levava o educando a produzir o novo, ficar no que sabe. O coordenador que deixa seu professor "livre", também não leva ao novo. No livre, ele deixa seus educandos só, com suas hipóteses de pensamento. Os colegas podem ajudar, mas não sabem desafiá-lo planejando seu crescimento. Se pensarmos bem, vamos ver como é difícil estudar sozinho, é preciso estar bem acompanhado neste processo para manter o grupo, é preciso estar bem além do texto, fazer pontos em outras leituras, e ainda mais se o tema é novo, sem crítica, não tem referência, quando você acha-lo em livros antigos.

E não?

Nós que nos vemos ora atitudes, ora empunhamos? → NECESSA REESTRUTURA

Nós que tentamos entender o sair do conhecimento produzido pelo modelo, em cima do significado da palavra: construtivismo. → NA ESCOLA (COMO AGR?)

Adotar este nome é fácil, mas como agir assim?

Para isto estamos aqui, em grupo, para exercitar nosso pensamento, sistematizá-lo para dizê-lo ao outro. Um grupo, para crescer, só precisa saber que precisa ser bem, para colocá-lo dentro das diferenças e complementar como vamos reagir a elas. Grupo que vai desestabilizar criar ansiedade (põe-se a não há movimento psíquico que nos leve à mudança). Mas grupo que dura garante apoio, sustido e direção no novo a construir.

Nesta concepção, o ensinar está em conta o sujeito afetivo, cognitivo, social e sensível, ou seja, a formação está criada com a informação. Ela não pelo vínculo entre os educandos, entre eles e o educador, e entre eles e o objeto do conhecimento. Com um objetivo claro: o ensino.

Por isto falamos sempre em processo, em lidar com o tempo, com a assunção da autoridade e responsabilidade pelo seu grupo.

* No grupo eu aprendo o que sou, no confronto, e que sei, posto e acredito. Portanto, o que não sou, não acredito etc. No grupo e acredito. Portanto, o que não sou, não acredito etc. No grupo e acredito.

IMPROVANTE 1
QUO DIXO
PREFECCORAS
(E.A: DAVINI)
LEGAL!



Anexo 4- Fotos das Oficinas de Biodiversidade pela Boca



2011



2011



2012



2012



2012



2012